

Ok
Luz de público
bo

LX 25 fecho de portas, SX 1

01 Voz off - mijavelhas

LX 30 (T -10 cue1)

ANDAMENTO #1

Ivo aparece em cena. Começa a untar a cara com argila. Está sozinho a fazê-lo durante um bocado.

Rodrigo está lá para trás, fora de cena. vai mexendo em coisas enquanto fala.

Rodrigo- Lembras-te de como isto era dantes? Uma vez, acho que até foi aqui mesmo, desapareceu uma coelha que vivia aqui. Era da D. Margarida, lembras-te? Pura e simplesmente desapareceu pelas traseiras. Durante dias nunca mais ninguém a viu.

Ivo fica atento.

Rodrigo - Procurou-se por todo o lado e nada. Nem rasto da coelha. Uns tempos depois, ela voltou. Vinha grávida, lembras-te? A coelha fugiu pelo quintal e vinha grávida!!!! E nós pensavamos que para lá do quintal não havia mais nada, lembras-te? Mas havia!! A coelha foi para o outro lado e voltou cheia de coelhinhos!!! Afinal havia mais mundo do outro 30ado do quintal!

Ivo - Foi o coelho Pina...

Riem-se. O Ivo continua a maquilhar-se.

Rodrigo - Eu, tu, o Zé, os gémeos, as filhas do Cardoso, a Petra, o Rafael e a Orquídea. Lembras-te de brincarmos na rua, a fugir dos carros? E depois chegava o Verão e o Sr.Oliveira levava-nos até à praia na Morris dele...lembras-te? Eu, tu, o Zé, os gémeos, as filhas do Cardoso, a Petra, o Rafael e a Orquídea...

Ivo- E à vezes o primo da Orquídea, o Jaime!

Rodrigo - Isso, lembras-te?! Que fixe quefera!!! Chegava o Verão e o Sr. Oliveira levava-nos a todos na Morris dele, até Gaia...

Ivo- ...ou Labruge, quando estava mau tempo!

Rodrigo - Que fixe...íamos todos ali apertados, cheios de calor, tudo a suar, a cantar, de vidros abertos, com o rádio nas alturas...

Ivo - Isso é que eram uma férias!

Rodrigo - A Petra ficava muito irritada porque ninguém a deixava cantar, lembras-te?

Ivo - ...e o Zé tinha a mania de pôr os pés no banco, sempre a empurrar o Sr. Oliveira!

Rodrigo - Ele ficava fulo!! E tu ias sempre a pôr o creme protetor no carro!!! Chegavamos à praia todos besuntados, lembras-te?

Riem.

Ivo - Aquilo é que eram umas férias...

Rodrigo - A viagem era bem mais fixe do que a praia, quase!!

Pausa.

POLITICAMENTE EXPOSTO

Homem no banco - ...ando a querer marcar umas férias em família.

Ivo pára. Olha para Rodrigo. Anui com a cabeça e continua o que está a fazer.

Homem no banco - Sim. Estou a precisar de viajar...

Homem 2 no banco - Sim...faz bem!

Homem no banco - Preciso de sair daqui.

Homem 2 no banco - Estás farto de estar aqui.

Homem no banco - Não! Nada contra...

Pausa.Ivo olha para Rodrigo. Faz compasso de espera como quem espera que Rodrigo diga mais alguma coisa.

Homem 2 no banco - ...mas...?

Homem no banco - ...mas?

Homem 2 no banco -mas!

Homem no banco - ...Mas não consigo pagar.

Homem 2 no banco - é uma merda.

Ivo sai de cena.

Homem no banco - ...Pois é. E sinto-me mal por isso.

SX2 + LX40

Homem 2 no banco - Anda tudo assim...tem calma.

IVO ESTÁ COBERTO DE ARGILA E RODRIGO ESTÁ SEM ARGILA AINDA

CORTE

02 ambiente Catalluyuk

luz Çatallayuk

DURANTE A PRÓXIMA CENA, RODRIGO UNTA A CARA DE ARGILA

ÇATALLUYUK

No palco, acende-se uma espécie de candeia de azeite, num prato de barro. Vemos uma estranha figura semi nua como que a preparar-se para um ritual. Vai balançando

para trás e para a frente e sussurrando algo, como uma reza. Vamos ouvindo mais claramente o texto.

Kruniashka:

Dos tempos da lama e do fumo,

Que o céu guarda sem porquê,

Soltem-se agora os rumos

Que Tengri selou com o pé.

Que eu cante, no frio dos cumes,

A subida, que nunca é de fé —

Pois o lar, que é chão de espera,

Pede entrada que não seja a da esfera.

ivo à frente com panela ,

Ró avança painel central. no fim - **Som passa só p/a trás**

+

Lx 50

Canto os telhados, ó caminheiro,

Que escalas com pão na mão,

Tomba o pote, rompe o braseiro,
A avó caiu no carvão.

Por Erlik, ergueram primeiro

Lares sem porta ou portão.

E hoje o povo, da queda,

Sonha com um batente, a revolução
Invoca-me, Umay, o rasgo,

Que na parede abra fenda!

Não de fogo, nem de estrago
Mas de passagem, na minha vivenda.

estrondo backstage SX 2.5

Ouve-se um estrondo grande. Alguém caiu de uma altura considerável. Alguém se magoou.

Kruniashka assusta-se e apaga a luz.

Ouvem-se esgares de dor meios contidos.

De repente, o ferido chama por alguém.

Shoktur - Kruni....?

Ninguém responde. Esgar de dor.

Shoktur - Krunia?!

Ninguém responde. Esgar de dor e impaciência.

Shoktur - Kruniaaaaaaashkaaaaaa!!!! Eu preciso de ajuda Kruniaaaaaa!!!!

Ninguém responde. Desalento e choro.

Kruniashka acende a luz de palco num interruptor.

Kruniashka - Shoktur, são 3 da manhã!

Shoktur - Eu tropecei!!!

Kruniashka - Outra vez?!

Shoktur - Tropecei nas chaves de casa, fds!!

Kruniashka - Ouch...!

Shoktur - Aiiiiii,.....

Kruniashka - É uma vergonha isto...

Shoktur - Kruni...eu preciso de ajuda!

Kruniashka - Isto é a Turquia!

Shoktur - Aiiii....ajuda-me, por favor!!

Kruniashka - 6000 anos antes de Cristo...

Shoktur - Kruni...

Kruniashka - E continuamos a entrar pelos telhados como macacos!

Pausa.

Shoktur - Como é que tu sabes que o gajo vai nascer?

Kruniashka - Quem?

Shoktur - Cristo....tu disseste 6000 anos antes de Cristo...

Kruniashka - Disse?

Shoktur - Disseste...e também disseste Turquia.

Kruniashka - Porque estamos na Turquia.

Shoktur - Estamos na Anatólia!

Kruniashka - Ah, ok!!

Shoktur - Turquia é só mais tarde.

Kruniashka - Depois de Cristo!

Shoktur - Voltaste a fazê-lo!!!!

Kruniashka - O quê?

Shoktur - AAAUUUUUUU!!!!!!Filhas da puta das chaves de casa!

Kruniashka - Não dão jeito nenhum...

Shoktur - Tinha acabado de as descer pelo telhado....

Kruniashka - Ficaram presas na clarabóia?

Shoktur - Não, desceram direitinho. Eu é que falhei o primeiro degrau e lambi os outros todos com o queixo.

Pausa. Shoktur pára de chorar.

Kruniashka - Shok?

Shoktur - Eu fico bem.

CORTE

Bo

Luz rua

LX 70 (auto)

OS PASSOS NA CALÇADA

Ouvem-se muitos passos (os passos serão sempre declaradamente audio).

O Biombo da esquerda vem à frente.

rodrigo chega ao painel da DRT **SX 4 (som trás)**

Ouvem-se 7 passos.

O Biombo da direita vem à frente.

. painel pára à frente - **SX5 (som trás)**

Ouvem-se passos a correr para a esquerda.

O homem aparece pela direita. **LX75**

Homem a passar - Peço desculpa...

A mulher assusta-se e grita muito. O Homem assusta-se com o susto da mulher e grita muito tb. Gritam os dois.

Mulher na rua - Pare com isso!

Homem a passar - Paro com o quê?!

Mulher na rua - Pare de uma vez por todas!

Homem a passar - A Sr.^a está doida?!

Mulher na rua - Os passos..

Homem a passar - Os passos?!

Mulher na rua - o..o...respirar! Fale de uma vez por todas!

Homem a passar - Mas a senhora é que está sentada na rua.

Pausa.

Homem a passar - Eu estou só a passar...

Passa à frente da mulher. Ouvem-se passos à frente. Vai a sair e pára de costas. Vira-se de repente.

Homem na rua - O quê?

Mulher na rua - Não, por favor, fale o senhor primeiro.

Homem a passar - Ora essa, a senhora perguntou primeiro.

Mulher na rua - O sr. Já queria falar há algum tempo.

Homem a passar - Já?

Mulher na rua - Já!

Homem a passar - Eu?!

Mulher na rua - Sim.

Homem a passar - Ah, sim....

Ró junto ao painel esq. sorri SX7

Sai. Pausa. Sai. Passa lá atrás. ouvem-se os mesmos passos da frente. Aparece na direita.

Homem na rua - As gaivotas não são moelas, são minhas!!!

Mulher na rua - O quê?

Homem na rua - São minhas, as gaivotas!

Mulher na rua - Desculpe mas não percebi o que disse...

Homem na rua - Não são moelas!

Mulher na rua - As gaivotas são suas?!

Homem a passar - Perdão?!

Mulher na rua - As gaivotas não são moelas, são suas?!

Homem a passar - Não se importa de repetir o que acabou de...?

Mulher na rua - Não não... o senhor é que passou e...

Pausa. Pisam-se a falar.

Rodrigo senta-se no cubo ao lado do Ivo LX77

Homem a passar - Não, por amor de deus, mas a senhora está sentada há mais tempo.

Mulher na rua - O sr. fartou-se de passar por mim....

Homem a passar - (irritadíssimo) E o que é que tem a ver eu passar ou deixar de passar?!

Mulher na rua - Não, mas o senhor parou...

Homem a passar - Eu parei?!

Mulher na rua - O sr. parou e inspirou.

Homem a passar - Eu parei e inspirei?!

Mulher na rua - Sim. E depois voltou a fazê-lo!

Homem a passar - Eu parei, inspirei e voltei a fazê-lo?

Mulher na rua - (a mulher inspira)...

Homem a passar - A senhora diz que eu passei, parei, inspirei e voltei a fazê-lo?

Pausa ofegante.

Mulher na rua - O senhor não pára de andar às voltas do quarteirão e a parar e a olhar para mim e a inspirar e passa a dizer coisas esquisitas e depois diz que as gaivotas são suas e que não são moelas e depois vai-se embora sem dizer nada, como se eu não tivesse importância nenhuma...

Homem a passar - (interrompe em "como se") Ahh sim, claro! Agora a culpa é minha! Agora já não se pode passar na rua, olhar para alguém e dizer as verdades?! É isso?! É? Querem lá ver agora que é isso? É?! É isso? Prefere falar do tempo?! Vamos falar do Sol!! Está um Sol daqueles!! Eh pá!!! Hoje está um grande sol!!! Hoje vai estar calor!! Mas eles dão já chuva pra semana!! É?! É isso?! As gaivotas são minhas!!! Minhas!!!! As minhas gaivotas não são moelas!!!! São minhas!!!

A mulher começa a chorar.

Homem a passar - Tinha muita consideração por si e pela Laidinha, mas a partir de hoje não tenho mais.

Mulher na rua - Eu só disse que não percebi o que o sr. tinha dito..

Homem a passar - (explicando sílaba a sílaba) E eu disse que tinha muita consideração por si e pela Laidinha, mas a partir de hoje não tenho mais

Mulher na rua - A Laidinha?

Homem a passar - (interrompendo) Eu tinha muita consideração por si e pela Laidinha, mas a partir de hoje não tenho mais! **(Gritando)** EU TINHA MUITA CONSIDERAÇÃO POR SI E PELA LAIDINHA, MAS A PARTIR DE HOJE NÃO TENHO MAIS!

A Mulher chora sem conseguir acreditar no que está a ouvir. O homem continua a dizer a frase por cima do choro dela, para toda a gente, até enxotar a mulher com a voz e a repetição.

Homem a passar - EU TINHA MUITA CONSIDERAÇÃO POR SI E PELA LAIDINHA, MAS A PARTIR DE HOJE NÃO TENHO MAIS!

CORTE

DURANTE A PRÓXIMA CENA, RODRIGO FAZ UM BIGODE E UMAS SOBRANCELHAS COM ARGILA PRETA

Homem 2 no banco - Queres que te empreste dinheiro?

Homem no banco - O quê? **LX 80**

Homem 2 no banco - Se precisares de ajuda...

Homem no banco - Se precisar de ajuda...

Homem 2 no banco - estás à vontade!

Homem no banco - Ok. Obrigado.

Homem 2 no banco - De nada, pá.

Pausa.Tensão. Ivo Muda cenário. Rodrigo Vai fazer sobrancelhas e bigode.

Homem no banco - Mas..pra quê?

Homem 2 no banco - Pra ires.

Homem no banco - Pra ir aonde?

Homem 2 no banco - Se precisares de dinheiro pra ires viajar, eu ajudo-te.

Homem no banco - Boa.

Homem 2 no banco - Também não ando muito famoso de finanças, mas posso emprestar-te algum. É pra isso que servem os vizinhos.

Homem no banco - Sim, obrigado...

Pausa. Mudam cenário.

Homem 2 no banco - Pá, até se for outra coisa...

Homem no banco - Hã?!

Homem 2 no banco - se quiseres beber uma cuca, se precisares de pagar alguma mensalidade...pá...eu posso ajudar-te no que for preciso, ok?

Homem no banco - Fixe, obrigado, mas porque é que...

Homem 2 no banco - Às vezes as pessoas acham que temos de estar na merda pra precisar de ajuda, mas já sabes que comigo basta dares o toque e eu vou logo, ok?

Homem no banco - Ok.

Homem 2 no banco - Se precisares, eu empresto-te dinheiro.

Homem no banco - Entendido..

Homem 2 no banco - Sem juros nem julgamentos...

Homem no banco - Ok *quase irritado* **LX 81 +SX 8 (frente)**

CORTE

Entra rodrigo **LX 90**

música presidente

luz de rua

DURANTE A PRÓXIMA CENA, IVO PINTA OS LÁBIOS COM ARGILA VERMELHA, LÁ ATRÁS, DURANTE O DISCURSO DO PRESIDENTE.

O PRESIDENTE E A ARQUITETA

Aplausos. O presidente conclui o discurso. Clima de festa. O Presidente tem um tijolo, um balde e uma ferramenta de chapar massa, na mão.

Presidente da Câmara - Boa noite, caros munícipes e munícipas, hoje colhemos o fruto de um investimento que muito nos honra. Esta era, de facto, uma zona alvo, digamos, de usurpação por parte das pessoas que dizem que “eu estou a trabalhar, posso tudo!” e que, por isso, estacionavam os carros nos passeios.....rua com paralelos, com passeios muito curtos. Portanto, zona que exigia reabilitação urgente, ou seja, devolver finalmente a cidade às pessoas. Por isso, é com muito orgulho que chamo a nossa Arquiteta da Câmara, a sra. Brrbrbrb.....(não se lembra do nome da arquiteta)....do gabinete de arquitetura..berberberberber.....(não sabe dizer o nome do gabinete)

LX 92 + SX 9

abrir shutter

Pausa..

Presidente da Câmara- Hoje assentamos então aquela que é a primeira pedra deste grande projeto! Ora então, uma salva de palmas!

Música de Gala . Luzes. O Presidente desloca-se para o sítio onde será assentada a primeira pedra. Entra a arquiteta. Faz o seu número!

DESENHO #1 - Rua em muito mau estado e passeios curtos .

DESENHO #2- Moradores esmagados debaixo de rodas de carros e presos entre portas de rua e carros acrescenta carros no desenho.

DESENHO #3 - Passeios muito grandes sem carros.

DESENHO #4- Carros estacionados à porta das casas, em passeios muito largos.

Fim apresentação Arquiteta.

3º slide

fim apresentação arquiteta SX 9.5

Presidente da Câmara - Em nome da Câmara, eu queria agradecer à Drª Von Brbrbrbrbrbbbbbb, pela apresentação do projeto para a esta Travessa. Um projeto que muito orgulha a autarquia e que inauguramos então agora, com a primeira pedra!

Slide 4

Mas eu queria, no entanto, e se me permite Drª, colocar-lhe uma questão. A sotôra não me leva a mal, mas isto agora é uma rua ou é um passeio?

A Drª foi afrontada.

Arquiteta da Câmara - Desculpe?!

Presidente da Câmara - Ó sra. Arquiteta, é porque uma coisa é eu ser atropelado numa rua, outra coisa é ser atropelado num passeio...

Arquiteta da Câmara - O quê?

Presidente da Câmara - Oh...oh Drª deixe-se disso!

Arquiteta da Câmara - O que é que acaba de dizer?!

Presidente da Câmara - O quê, Drª?!

Arquiteta da Câmara - Se isto é uma rua ou um passeio?!

Presidente da Câmara - Ó Srª Arquiteta, fale português, por favor! Já outro dia na reunião das especialidades eu lhe disse que não andava a perceber nada! O que eu quero saber é muito simples! Isto afinal é uma rua ou é um passeio?!

Arquiteta da Câmara - Você não percebe nada de urbanismo contemporâneo...bla bla bla bla

Arquiteta da Câmara - BrBrBrBRO

.Arquiteta diz "NINHA NHA". SX 10 (frente) MUITO ALTO

Rodrigo sozinho LX 95
fecha vdo, fecha shutter

Arq. Sai.

Música Dramática.

Presidente da Câmara - E agora, Arq?! O que é que eu digo ao seguro, sotôra?! O que é que eu digo?!

Isto é uma rua ou um passeio?!

Isto é original ou apenas diferente?"

"Isto afinal é progresso ou destruição?"

"É um erro humano ou uma falha do sistema?"

"Isto é uma rua ou é um passeio?!"

Ivo entra "olha lá" LX 100 + SX10.5

CORTE

Homem no banco - mas porque é que me emprestarias o dinheiro?

Homem 2 no banco - Porque tu disseste que não tinhas...

Homem no banco - Disse?

Homem 2 no banco - Sim...

Homem no banco - Não, não disse.

Homem 2 no banco - Disseste. Disseste que não conseguias pagar as férias.

Homem no banco - Sim.

Homem 2 no banco - Então?

Homem no banco - Então, tu estás a dizer que eu não tenho dinheiro para as férias e eu estou a dizer que não consigo pagar as minhas férias!!!

Homem 2 no banco - Uma pessoa a querer ajudar-te e tu estás com semânticas!

Homem no banco - Mas eu não preciso de dinheiro!!!Eu não consigo é pagar!! É só isso! Eu quero fazer uma reserva de uma autocaravana, o site não me deixa pagar, eu enviei um email a expor a situação e hoje responderam, finalmente!!!Eles é que não me estão a deixar fazer o pagamento!!!!

Pausa. Rodrigo Sai de cena.Durante o próximo discurso, Rodrigo vai preparando Çatall#2.

Homem no banco - Vê se entendes! Eles enviaram um questionário para pessoas politicamente expostas. “O nosso parceiro de pagamentos identificou o seu nome como semelhante ao de uma pessoa que poderá ser considerada como politicamente exposta. Neste sentido, de forma a desbloquear o seu perfil para que consiga efetuar o pagamento, terá que preencher e enviar-nos de volta o documento que segue em anexo”. Dá para acreditar? Uma merda de um formulário onde eu tenho de lhes dizer coisas sobre mim e sobre a minha mulher, só porque eles se lembraram que há um outro gajo com um nome igual ao meu!!!

CORTE

Shoktur (Interrompendo) - **Kruni**...Tu estás sozinho em casa...?

LX110

Kruniashka - Estou.

Shoktur - ...a fazer o quê?!

Kruniashka - Estou em casa.

Shoktur - Eu ouvi-te a falar com alguém...

Kruniashka - Eu estou a ensaiar a letra da porta!!!

Pausa.

Shoktur - Tu o quê?!

Kruniashka - É a marcha que vou apresentar nas próximas festas!

Shoktur - Letra de quê?!

Kruniashka - Vou apresentar às pessoas a porta!!

Shoktur - A porta?!

Pausa.

Kruniashka - Shoki, imagina que podias passar a parede e estar aqui, na minha presença...

Shoktur - Mas para que é que eu iria partir a parede? Basta subir ao telhado e descer pro teu lar!

Kruniashka - Porque isto é a Turquia, estamos em 6000 antes de Cristo e não somos macacos para entrar nas casas pelos telhados!!!

Shoktur - ...portas?!

Kruniashka - Imagina que bastava teres um buraco que te permitisse ir de um lar para outro, sem correr o risco de caíres do telhado!!

Shoktur - Isto é a Anatólia, 4 biliões e meio depois do Criador! Se passarmos a ter buracos nas paredes, de cada vez que quiseres ir ao lar de alguém, vais ter de passar pelo lar de toda a gente até chegares ao último lar. Eu não quero isso!

Kruniashka - A não ser que afastes os lares uns dos outros..

Shoktur - O quê?!?

Kruniashka - Isto é a Turquia, 6000 antes de Cristo! Se eu conseguir a patente das portas, o passo seguinte é inventar a Rua...

CORTE

Homem 2 no banco - PEP.

rodrigo, em sobra, poem-se direito “PEP! tu és um PEP!”

LX115

Pausa.

Homem no banco - O quê?

Homem 2 no banco - Tu és uma PEP.

Homem no banco - Eu sou uma PEP?!

Homem 2 no banco - Tu és uma Politically Exposed Person.

Homem no banco - (avançando na direção do outro) É isso, sim!

O Homem 2 recua.

Homem 2 no banco - Pára.

Homem no banco - ...*(avança na direção do Homem 2)*

Homem 2 no banco - Pára exactamente onde estás!

Homem no banco - Hey, o que é isso?! Mas o que é que...

Homem 2 no banco - Mas, mas, mas o caralho!!! Tu és uma pessoa exposta!! Tu foste exposto a qualquer merda e agora vieste pra qui tentar foder-nos a cabeça a todos!

Homem no banco - Não, tu não entendeste!! Eles confundiram-me com um gajo qq com um cargo político ou público e agora querem ter a certeza de quem eu sou por causa de...

Homem 2 no banco - ...por causa de corruptos e essa merda toda!! Eu sei muito bem!!! Nós somos vizinhos!!! E tu nunca me disseste nada sobre teres sido exposto a merda nenhuma! E olha que esta rua está cheia de pessoas que foram expostas a tudo e mais alguma coisa! O Nando teve covid. 3 vezes. A D.Brazinda está exposta à CMTV o dia todo. O Yuri veio de Chernobyl e ainda brilha no escuro! Esta rua está cheia de gajos que já foram expostos a tudo! Cheia!!! Mas nunca teve ninguém politicamente exposto!

Homem no banco - Mas não sou eu!!! É outro gajo qualquer com o meu nome!!

Homem 2 no banco - É a mesma merda fds!!! Vocês são todos iguais!!! O Big Brother passou a Casa dos Segredos de um dia para outro e é a mesma coisa, ou não é?!

LX 140

Homem no banco - ...Mas são programas diferentes.

Homem 2 no banco - São a mesma merda!!!

Homem no banco - São diferentes! Dantes, a casa do era na Venda do Pinheiro e agora é na Malveira!

Homem 2 no banco - É tudo igual!!! São pessoas a serem vigiadas 24 h por dia. É como esta rua!!! As pessoas vão e vêm mas eu vejo tudo, pá!!! Eu sei de tudo o que se passa aqui, entendes!!! E nesta rua não toleramos gajos politicamente expostos !

Homem no banco - Tu és maluco?!

Homem 2 no banco - Vocês vêm de todo o lado e mais algum, passam o dia em Braamcamp, vão p'ras piscinas na Constituição, fazem compras no Bonfim, depois almoçam na ribeira pra ver os turistas, passam a tarde nos Leões e vêm ao fim do dia,

como se esta rua fosse vossa e os vizinhos fossem uns guardanapos descartáveis que vocês pudessem usar para limpar a nhanha sempre que recebem um questionáriozinho de merda!!! Tu achas que eu não te vi a jogar cartas no Marquês?! Achas que eu não sei porquê é que andas sempre com milho nos bolsos?!

Homem no banco - Estás a exagerar...

Homem 2 no banco - As putas das pombas do Velasquez andam cada vez mais gordas e a culpa é tua!

Homem no banco - pára com isto...

Homem 2 no banco - Mostra os bolsos.

Homem no banco - Posso falar?

Homem 2 no banco - Esvazia os bolsos. Agora!

Homem no banco esvazia o milho dos bolsos.

Homem 2 no banco - Tu és mesmo um merdas.

Sai

POR ESTA TRAVESSA ACIMA

RODRIGO SAI DE CENA

LX160

Por esta travessa acima
Deixando para trás
Os santos pousados
E Braancamp ao lado
Vim continuar o meu sonho
Flutuando nas águas.

O pequena que a travessa é
Vê-se à distância, meço com o pé
Mas do grande que a travessa diz ser
Fala-me o tempo que a levo a fazer

Isto assim mo disse a Ritinha
Um dia que à porta do Lugar chamou
Sem mais!, que não há campainha.
E mesmo que houvesse, quando chamam eu vou!

Oh vizinho venha cá!
Bom dia! Então como está?
Diz a Rita com voz de anjo
Cumprimentando aqui o marmanjo.

Cá estamos. Cá vamos andando!
A resposta há-de ser sempre cordata.
Que nunca houve, até à data,
Quem não retribuísse, seguindo ou andando!

E é um encanto ouvi-la falar
Voz de seda, olhos a brilhar.

Mas desta vez é diferente
Traz algo pesado na mente.

Fala-me a Rita de uns sacos,
Que lhe trazem a vida em cacos.
Como alguém que perdeu os seus gatos
Ou uma peça que ficou sem atos!

E de uma face que o sol esculpiu
Caem lágrimas como nunca se viu
Sobem águas aos olhos, às mil,
Sai um canto como nunca se ouviu:

Por esta travessa acima
Deixando para trás
Os sacos pousados
E o cão ao meu lado
Fui continuando o passeio
À noite nas águas
Com a lua nos céus

Mas de todo tempo que ao humano sobra
Vejo o teu gasto em boa manobra
Pois que o cão não é como a cobra
Quer ser passeado a ver se ele obra.

Ele que ande e que cheire tudo
Deixa-o cruzar-se com os outros da rua
Deixa-o ladrar, seja ele patudo
Mas não faça nada que a tripa obstrua!

Passeio curto e sem telemóvel!
Que, não sendo gente, o cão também sente!
Se o queres ver feliz, é dar-lhe paleio
Se o queres ver mais leve, ração com centeio!

Com o saco é que não concordo...
Há que lhe dar melhor destino!
Não que o leves, contigo, a bordo
Mas deixá-lo na rua, isso já é desatino.

E a menina, que a alegria passeia,
Faz disto uma afronta, tomada por tonta,
Sobe-lhe o sangue à veia
Insufla-se a alma, cheia,
E de um assomo, com nervos de estreia,
A resposta é pronta, de quem nada receia:

O podengo, que mora no fim das águas
Na noite de breu saiu a passear;

À volta do banco rodou três vezes,
 Rodou três vezes até se aliviar,
 E a seguir disso eu disse: “Quem é que ousou tirar
 Da minha travessa, minha casa, meu mundo,
 Meus sacos negros, de cheiro imundo?”
 E atrás de cortinas, um vizinho disse tremendo:
 Foi alguém da travessa, quiçá lá do fundo!

Alguém mos roubou! Alguém mos tirou!
 Os saquinhos da caca, alguém os levou!
 Chora a pobre coitada, de rosto encharcado!
 Foi na noite passada! Ou então há um bocado.

E porque na rua os sacos deixaras?
 Porquê na travessa, que é limpa e vaidosa?
 Porque não deixá-la tal como a encontraras?
 Tal como, de vê-la, te deixa orgulhosa?!

E, isto ouvindo, na conversa ingerindo,
 Assoma à janela uma voz, em tom preste:
 O que eu ouço cá dentro já me vai consumindo
 Ou me abro com ela ou não sou a Celeste!

Somada à tertúlia, anima a Travessa
 Não é só uma vizinha, é a rainha das flores!
 Esclarecendo o mistério, quer explicar-se e começa:
 Nossa e dos cães! A travessa é de todes
 Mas dos sacos à porta, saem chocos odores!
 E eu, que sou ecológica, não estou pra estes horrores,
 Faço o que dita a lógica, tudo pelos moradores.

O lugar da caca é no saco,
 O lugar do saco é no lixo!
 E juro que isto q faço
 É só por respeito ao teu bicho!

E três vezes a Rita inspira
 E três vezes a menina expira
 E disse no fim de suspirar três vezes:

Aqui, na Travessa, sou muito mais do que eu!
 Sou todo um povo que recicla o que não é seu!
 E mais do que a caca, que ao relento deixo,
 Só por cuidado, pra novo enchimento,
 Manda o respeito, do qual não me queixo,
 Que não desperdice o saco, reciclando o excremento!

E eis que se abrem janelas
 E eis que a rua se agita!
 Aplaudem, eles e elas,

Quem pensa em todos, a nossa Rita!

E até a Palmilha, que estava no palco!,
Sai da garagem e junta-se à festa
Monta, cá fora, colunas ao alto
E toca a Marcha cá da Travessa!

SX 12 + LX 170

Entra a Marcha da Travessa.

ANDAMENTO #2

Rodrigo entra. manda desligar som **SX 12.5 + LX 180**

Rodrigo - Desculpem, impõe-se uma pequena interrupção para reflexão. Estas pessoas pertencem a uma travessa, a travessa pertence a uma cidade, que pertence a um país, que pertence a um continente de um planeta que pertence a uma galáxia.

Ivo - Lá em cima há um céu de cetim, há cometas e planetas sem fim...

Rodrigo - E desculpa, mas por muito que aches que tudo é válido, eu recuso-me a fazer da Palmilha um festival revivalista do Vilarett!!!!

Ivo - Isto é Tózé Brito.

Rodrigo - Lamento, Ivo, mas reduzir todo um processo a uma marcha de S. João não parece muito justo.

Ivo - Ok,mas eu não...

Rodrigo - Porque a verdade é que as realidades são tantas e tão diversas que a dúvida persiste. O que é a Travessa das Águas?!

Ivo - É a Rita, a D. Celeste...

Rodrigo - Sim, mas é preciso caracterizá-las de forma justa e respeitosa. As pessoas têm mais densidade do que uma rusga de S.João.

Ivo - Posso falar?

Rodrigo - Isso é ser popularucho e paternalista.

Ivo sai.

Rodrigo - (para fora de palco)

LX 190

Pausa. Rodrigo regressa ao público..

Rodrigo - O processo de pesquisa deste espetáculo foi feito através de entrevistas, para tentar retratar a realidade da Travessa das Águas. Queríamos conhecer as pessoas para conhecer a travessa. E nesse processo fomos conhecendo muitas histórias . Como as que o Pedro Lage nos contou sobre as obras da Travessa.

AUDIO PEDRO

"relato do Pedro Lage"

SX 13

Ou como a história que a Paula Esteves partilhou connosco sobre gaiotas moelas e moradores que julgam que são donos das gaiotas..

AUDIO PAULA ESTEVES

Isto é material concreto que não só caracteriza a rua e os seus moradores como nos revela que ainda há muito que não sabemos e compreendemos sobre esta Travessa, como a história dos ovos da Ritinha. Um verdadeiro mistério por resolver.

AUDIO RITINHA

Mas como vimos, de tudo o que a Ritinha partilhou...o Ivo escolheu pegar na história dos sacos de cócó.

baixar ligeiramente o audio à frente após ritinha

Pausa.

Rodrigo - Tudo isto acontece na Travessa das Águas, Mas tudo isto acontece em todas as outras ruas, um pouco por todo o Porto. E a verdade é que tudo o que acontece aqui é o resultado de muitas outras coisas que acontecem num quadro maior de eventos. O que nós descobrimos aqui motiva-nos a pensar numa escala maior. Então refletimos um pouco sobre a nossa realidade...então qual é o problema, neste momento, que existe em Portugal? As desigualdades entre Norte e Sul, por exemplo!

Pensem bem nisto, porque é que, para ganhar a vida, o Ivo tem de deslocar-se a Lisboa, para fazer um anúncio mal pago a uma bebida com gás.

Ivo - (de fora de cena) Era cerveja!

Rodrigo - Era um anúncio à Sagres.

Ivo - Um anúncio à cerveja Sagres.

Rodrigo - ...e pagar do seu bolso as deslocações?

Ivo aparece em cena.

Ivo - Desculpa?!

Rodrigo - Quando um ator de Lisboa, nem se digna a aceitar esse trabalho menor sem que lhe paguem pelo menos a viagem de Metro?

Ivo - Posso falar?!.

Rodrigo -Não.

Ivo - Eu só tive de pagar deslocações...

Rodrigo - E alimentação.

Ivo - Deslocações e alimentação.

Rodrigo - Boa! Já te pagaram?

Ivo - Daqui a 90 dias.

Pausa.

Rodrigo - (Aponta para o Ivo) Este é o retrato de um país partido, senhoras e senhores. O Ivo representa uma geração que desistiu de lutar pelos seus direitos. Uma geração que se vendeu a um capitalismo desgovernado, que matou o 25 de Abril e que deixou, de repente, de lutar pela democracia! O Ivo representa a morte do sonho. Ivo, és um dos saquinhos de cócó.

Ivo não fala. Não consegue acreditar no bullying de que está a ser alvo.

Rodrigo - Fala, Ivo! Afinal qual é, então, o problema, neste momento, que existe no Porto para tu seres o retrato de uma data de malta que desistiu e que aceita trabalhar lá em baixo em condições miseráveis?

Pausa.

Rodrigo pousou banquinho e voltou à plateia

Ivo senta no banquinho LX195

Rodrigo - (para o público) Qual é, neste momento, o principal problema do Porto?!

Pausa.

Rodrigo - Isso que tu fazes faz com que os gajos de Lisboa venham à parvónia buscar mão-de-obra barata, explorá-la e depois devolve-la à cidade do Porto ainda mais pobre. É mais uma das razões que fez com que as pessoas do Porto deixassem de representar valor para a cidade. E por isso a rua, em si, também tem cada vez menos valor. E por isso as ruas do Porto deixam de ter identidade. A não ser que tenha um bom motivo de interesse, algo de valor inestimável. A capela das almas!!! A Lello!!! O Harry Potter!! Um monumento, um marco histórico ou algo verdadeiramente simbólico e digno de visita.

E o problema é que não falamos disto. Falamos muito mas dizemos muito pouco. Porque as cidades são cemitérios do verbo. E sem verbo, não há ideias. E sem ideias, não há a pólis.

Mas então afinal, qual é o problema desta rua?!

Pausa.

Ivo - Posso falar?

Rodrigo - Não. *rodrigo estala os dedos virados para regie*

alto)

SX 14 (frente

Entra o áudio do problema da Travessa.

FX SOM #1 IN - Carros à porta (short).wav

Ivo - E eu é que sou populista?!

Rodrigo - Eu não disse que tu eras populista...

Ivo- Tu direccionaste a conversa, manipulaste o áudio... eu não subscrevo nada disto.

Rodrigo - Eu disse que tu eras popularucho porque as pessoas não se reduzem a uma marcha...

Ivo - Elas nunca sequer gravaram todas juntas.

Rodrigo - Mas falaram todas disto.

Ivo - E de muitas outras coisas.

Rodrigo - Que tu escolheste reduzir a uma marchinha de S.João.

Ivo sai.

Vamos ouvir algo de muito sincero.

ivo sai palco, ro desce plateia LX 200

Luz pontual. Tudo muito calmo.

Vamos partilhar emoções.

Rodrigo - Vimos de longe. Muito longe. Vimos de onde as ruas contam histórias do fumo das fábricas e as cidades eram amantes de homens sem casa.

E fomos até lá longe. Fomos até onde a memória não escreveu o passado, que ficou apenas nas histórias de quem o viveu.

E hoje, chegamos aqui. Aqui onde as águas embalam o curso do dia a dia que se esconde nas casas de gente comum. Das gentes do Porto.

E foi aqui que encontramos o registo dos cantares de outrora.

Vai buscar Ukulele.

O que vão ouvir de seguida era uma música de trabalho cantada pelos homens que chegavam cansados, ao final do dia, das fábricas de Campanhã. Melodia austera mas esperançosa. Letra rica de gente pobre.

O Cante das Águas estava esquecido numa pauta de música, por baixo de um louceiro, na sala de jantar da casa mais antiga da Travessa. Autor anónimo. Uma canção com mais de 100 anos. Uma cápsula do tempo que nos conta como era esta travessa quando as primeiras famílias pra cá vieram. O retrato fiel e emotivo de um Porto esquecido. Mas também da vontade de uma gente forte, de trabalho e alegria. Do povo da Travessa das Águas. Música antiga mas atual. Canto de lágrimas e chão.

À janela, de vizinho para vizinho.

Tal como o vamos cantar hoje.

Quisemos tratar das estórias desta gente com respeito, com densidade e com o mesmo cuidado com que se tece a filigrana da memória. Homero tratou de Ulisses, Vergílio guiou Eneias, Camões os Lusíadas, a Palmilha vai cantar a epopeia das gentes da Travessa das Águas.

SX15

Rodrigo prepara-se para tocar e entra o Ivo. Tudo é interrompido pela Marcha da Travessa enquanto o Ivo irrompe pela cena, cheio de lantejoulas, com um manjerico na cabeça e um arco.

Luzes a piscar e cena aberta. Música alta! Festa!

Ivo dança e meneia a anca.

Ivo- A marcha cá da travessa
vai agora a desfilar
o arco já está no ar
e a noite está boa
boa prà gente cantar!

E quem passa leva um bom dia,
Que esta alegria é pra partilhar!
Vem pra travessa bailar
Tristeza não dura
E quem vem quer ficar!

Olha a marcha cá da travessa
Meu lindo S.João vai a passar
O teu balão está no ar

Aqui a gente é boa
É boa para desfilar!

Sem avisar, Rodrigo, indignado e irritado, tenta tirar o manjerico da cabeça do Ivo. Lutam de forma tosca, durante um bocado, aos repelões. À má fila, Rodrigo saca de spray pimenta e lança nos olhos do Ivo que fica aflito, agarrado à cara, aos gritos. A música continua em fundo.

Rodrigo assusta-se com o que fez e afasta-se. Ivo está desesperado, agarrado à cara e aos berros. “Os meus olhos!!!Os meus olhos!!!”.

A música acaba.

Ivo - Os meus olhos!!! Os meus olhos!!!! O que é que tu me fizeste?!

Rodrigo - Desculpa..

Ivo - Eu não vejo nada!!! Os meus olhos!!!

Rodrigo - Desculpa, Ivo...

Ivo - Tu cegaste-me!!! Tu cegaste-me!

Rodrigo - Foi sem querer, Ivo...desculpa!

Ivo - Ai!!! Ai!!!! Eu não vejo nada...os meus olhos estão a arder!!! O que é que tu me fizeste!!!

Rodrigo - Foi Spray pimenta, Ivo, desculpa...

Ivo - Tu cegaste-me!!!

Rodrigo - Tu gozaste comigo!!!

Ivo - Eu?!?! Tu acabas de me queimar os olhos e a culpa é minha?!

Rodrigo - Tu gozaste com as pessoas da Travessa!!

Ivo - SEU CACIQUE!!! (**Ivo grita para uma parede**)

Rodrigo - Eu?! Tu é que invadiste o palco com uma revista!!

Ivo - És um mentiroso!!! (**Ivo começa a andar, sem ver nada, a tentar chegar ao botão, fazendo movimentos com os braços para cima e para baixo.**)

Rodrigo - O quê?!

Ivo - las apresentar uma merda de uma música que tu inventaste como se fosse uma tradição!

Rodrigo - Posso falar?!

Ivo- Não! És um filho da puta de um cacique mentiroso e revisionista!

Rodrigo - Eu estava prestes a partilhar com as pessoas uma tradição da Travessa...

Ivo - Estavas era a mentir, seu merdas...Essa música não existe!(**Ivo continua a andar pelo palco de forma estranha, à procura do botão. Rodrigo anda atrás dele**) Tu queres é ir à Junta pra ter apoios!

Rodrigo - E tu estás a faltar ao respeito à travessa...

Ivo - Ele está a mentir com quantos dentes tem! Essa música nunca existiu!

Rodrigo - Existiu!!!!Esta era uma música de trabalho, cantada....

Ivo pede música . Entra o áudio da “Música Tradicional”. **SX16**

Ivo alcança finalmente o botão e carrega. Entra o áudio da “Música Tradicional”.

Rodrigo fica calado e ridicularizado. Tem vergonha do público.

Ivo carrega no botão e tira a faixa.

Ivo - És um cacique!! És um merdas e um cacique!!! És um filho da puta de um cacique mentiroso e revisionista! Essa música não existe!! Nunca existiu!! (**Ivo está a gritar para uma das pernas, do lado oposto do Rodrigo**)

Silêncio. Rodrigo não reage. Está envergonhado e embaraçado.

Ivo - Não dizes nada, pois não, seu merdas?! Inventaste uma merda de um espetáculo para tirar o teu mestradozinho!! És um merdas!! Isto é Fake Teatro!!! Tu enganaste toda a gente!!!! Agora pelo menos assume que mentiste e pede desculpa ao público.

Silêncio. Rodrigo não diz nada. Ivo continua a falar com uma bambolina (ou com uma parede).

Ivo - Eu sei que estás aí!!! Tu cegaste-me mas eu sei que estás aí, seu merdas!!! Eu sinto o teu cheiro a cavalo!!! Pede desculpa ao público, seu cacique! Andaste a enganar as mulheres todas da travessa!!! Quantos louceiros é que tu reviraste?! Isso é que foi dar música!!! Pede desculpa ao público!! Tu cegaste-me...tu cegaste-me!!! E agora eu estou cego, por tua causa....

Ivo desata a chorar. Vai caindo até ficar de joelhos a soluçar. Pausa. Rodrigo vai junto do Ivo, com muita vergonha e muita pena do Ivo.

Rodrigo - Eu estou aqui, Ivo. **(Mão no ombro do Ivo. Ivo rejeita)**. Desculpa.

Ivo está inconsolável.

Ivo - Tu mentiste a toda a gente....e cegaste-me para ter a tua fama.

Rodrigo - **(a chorar)** A única coisa que eu queria era retribuir, Ivo...

Ivo - E por isso, mentiste a toda a gente.

Rodrigo - Eu não menti, Ivo. Chama-se DOF.

Ivo - O quê?!

Rodrigo - DOF. Dramaturgia Onírica Forçada.

Ivo - Tu és mesmo um cacique de merda...

Rodrigo - Ivo, não importa se a Travessa não tem um passado comum, o que interessa é o que nós sentimos e imaginamos quando estamos aqui. O que interessa é o que sonhamos e sentimos quando vivemos e trabalhamos na rua. É assim que se criam tradições.

Ivo - E para isso inventas coisas que não existem e dizes que têm mais de 100 anos?!

Rodrigo - E pra isso eu crio matéria que não existe mas que faz sentido que existisse aqui. Achas que os sete anões vinham da mina assobiar?! Achas que os homens das fábricas de Campanhã alguma vez pensaram em criar músicas enquanto trabalhavam?!

Ivo - Claro que não!

Rodrigo - Claro que não! Eles cantavam porque fazia com que o trabalho fosse menos pesado.. E depois vinham para as suas casas, no Bonfim, e assobiavam as músicas, porque lhes ajudava a tornar o caminho mais leve, e menos cansativo...

Ivo - Mas tu nem sabes se isso alguma vez foi assim!!!

Rodrigo - Pois não! Por isso é que é uma Dramaturgia Forçada. É tudo um sonho, Ivo! Eu não sei se tudo isto alguma vez foi assim, eu não tenho de ter a certeza que as coisas existiram, mas tenho o direito de forçar as coisas, para que o público entenda o que sente quem vive e trabalha na Travessa das Águas. Eu tenho o direito a forçar esta dramaturgia para que o público possa ter um espetáculo e vá a pensar, para casa, quando isto acabar.

Ivo - DOF....

Rodrigo - Dramaturgia onírica forçada.

Pausa.

Ivo - É a tua tese de mestrado?

Rodrigo - É.

Pausa.

Ivo - Estamos juntos há 25 anos...e nunca te dei o devido valor. Desculpa.

Abraçam-se.

Rodrigo - Desculpa ter-te cegado.

Ivo - Não tem mal...

Rodrigo - Claro que tem... Fui um idiota!

Ivo - Não...eu devia ter percebido o que estavas a tentar fazer. Mas eu sou muito revisteiro...

Rodrigo - Pois és.

Pausa.

Ivo - ...já não sirvo para nada.

Pausa. Silêncio. Rodrigo olha para o Ivo durante um bocado.

Rodrigo - Podes fazer o Édipo.

Ivo - O Édipo?

Rodrigo - O gajo é cego!

Ivo - Já não vou a tempo...

Rodrigo - Claro que vais!

Ivo - Nunca li o Édipo sequer....!

Rodrigo - Improvisas!

Ivo - Ia estar a enganar as pessoas...

Rodrigo - Ivo, não estás a enganar ninguém. Aliás, a maioria dos atores que faz o Édipo nunca sequer usou óculos!

Ivo - Não dizes mal...

Rodrigo - E tu és completamente cego, agora!!

Ivo - Sim, isso pelo menos já ninguém me tira!

Rodrigo - A partir de agora, se houver o Édipo no Porto é a ti que te vêm contratar!

Ivo - No Porto, o caralho!! Se me pagarem deslocações eu vou a Lisboa!!

Rodrigo - No país todo, Ivo!!!

Ivo - Nem que eu vá a pé!

Rodrigo - É o Lugar de Fala, Ivo!!!

Ivo - A partir de agora esta merda é toda minha!!!

Rodrigo - O resto são tretas, Ivo...

Ivo - Tretas e Tebas!

Rodrigo - Vai, Ivo. Levanta-te!!

Ivo - Mas...agora?!

Rodrigo - Claro!!! É agora ou nunca!

Ivo - Mas eu nem tenho figurino....

Rodrigo - Estás ótimo.

Ivo - Estou cego!

Rodrigo - És o Édipo!

Ivo - Sou o Édipo!

Rodrigo - Muita merda, Ivo.

Rodrigo afasta-se. depois de colocar xaile sobre o Édipo. **LX 210**

ANDAMENTO #3

ÉDIPO E CREONTE

Rodrigo afasta-se. Toca no botão vermelho. Entra uma música e o palco fica vermelho. Édipo está na estrada e recorda a morte de Laio. Ivo tem um desempenho épico, sozinho em palco!

Édipo - Ó tríplice encruzilhada! Vale sombrio, bosques de carvalhos, vós que absorvestes o sangue que era meu, - o sangue de meu pai! -que eu próprio derramei;

Ó funesto himeneu, por que mostraste um dia um pai irmão de seus filhos, filhos irmãos de seu pai, e uma esposa que era também mãe de seu marido?!

Para o público.

Édipo - Aproximai-vos: não vos envergonheis de tocar num miserável; minha desgraça é tamanha, que ninguém mais, a não ser eu, pode sequer imaginá-la!

Entra Creonte, a arfar. Sai música.

entra rodrigo **LX 220**

Creonte - Édipo!

Édipo - Esta voz é-me familiar...

Creonte - Porque é família quem a faz soar.

Édipo - Não de sangue, certamente...essa já só em espírito.

Creonte - Mas mais pode um espírito irmão do que um irmão sem espírito.

Édipo - Falas por enigmas...continua.

Creonte - Um lobo, um coelho e uma cenoura estão na margem do rio, como levá-los para a outra margem sem que o lobo coma o coelho ou o coelho coma a cenoura?

Édipo - Creonte!!!!!!

Creonte - Regressei, finalmente, meu Rei!

Édipo - É bom ouvir-te, cunhado meu...

Pausa. Édipo tenta escutar Creonte, que nada diz.

Édipo - Mas vamos! Apressai-vos - pelos deuses! - a esconder-me longe daqui, seja onde for! Matai-me, atirai-me ao mar, ou num abismo onde ninguém mais me veja!

Creonte - Não força o oráculo que seja esse o teu destino...

Pausa.

Édipo - Fala, que me tens suspenso! Que novas trazes?

Creonte. Dirige-se na direção de Édipo.

Creonte - Ordena Apolo que te vás daqui...

Édipo - Sim, pra morrer.

Creonte - Não...pra viver.

Édipo - Pra viver?!

Creonte - Mais revelou o oráculo que das crateras donde o sangue jorra sem cor visível, nascerão dois espelhos de onde a luz se te revele novamente...

Édipo - Hei-de voltar a ver?!

Creonte - Assim o Delfos ditou. Mas não antes de concluídos os trabalhos a ti destinados..

Pausa.

Édipo - Então diz-me meu tio, oh diz-me! Que trabalhos esses?

Creonte - Falou-me, o oráculo, dos Flúvios. Um povo que habita travessas de águas tão revoltas que as moradas afastam e as gentes separam.

Édipo - Serão os meus trabalhos reunir um povo apartado pelas águas?

Creonte - Mandou Apolo que te dirijas para lá e que conheças, em pessoa, o valor dessa gente tão épica e poderosa.

Édipo - Assim o farei. Mas quais serão os meus trabalhos?

Creonte - Tais serão que, depois de concluídos garantam aos Flúvios a morada no panteão das gentes mais bravas do Bonfim, onde habitam Dragões e os mortais que comem tripas!

Édipo - Trabalhos épicos, mas incógnitos ainda. Cumpri-los quero, mas como saberei então que trabalhos são os meus, ao certo?

Creonte - Diz o oráculo que um coração de herói saberá dos seus trabalhos por instinto, se o conselho da alma escutar..

Pausa.

Édipo - Mas diz-me, ao menos, meu tio, como saberei eu da conclusão desses trabalhos?!

SX 17

Pausa. Ao longe ouve-se um múmrio do Cante da Travessa. Creonte e Édipo olham os céus. O Tio dá um passo em frente.

Creonte - Fala Apolo de uma música dos Deuses que se ouvirá, quando a Epopeia dos teus trabalhos ao fim chegar.

Édipo - Uma música, tio?!

Creonte - Notas do Éter descendo, na alma se entranhado. Um canto do Olimpo servido pelos mortais da Travessa...

Pausa. Édipo vai à luta!

Édipo - Leva-me, então. Ânimo forte, estrela-guia, espírito livre e pés ao caminho. Acompanha-me tio meu... tio.

Creonte - Tio sou. Ajuda em mim terás.

Édipo - Vamos?!

Creonte - Vamos.

Pausa.

Édipo - E por onde começaremos, meu tio?

Creonte - Pelo início.

SX 18 + LX 225

Voz Off- Desde o início dos tempos que há um segredo bem escondido nos recantos mais longínquos da vida no universo.

Tudo começa no ovário. É lá que o óvulo produz a gema, que amadurece. Em apenas 24 h, a gema passou de nhamha indistinta a nhamha com casca e está agora pronta para a cloaca. Ela sabe que não será uma viagem fácil. Mas também sabe que é o preço a pagar se quiser ver a luz do dia e tornar-se um ovo.

(T -50) SX 19 follow + LX 240

Ouve-se um som. Um canto. Uma voz feminina então algo que não se consegue entender bem. A voz ecoa em cima deles.

Édipo - Creonte!!! Creonte!!!

Creonte - Aqui estou, sobrinho.

Édipo - Ouves, tio?

Creonte - Agita-se o éter!

Escutam ambos.

Édipo - É esta a melodia de que te falou Apolo?!

Creonte - Falou-me o oráculo de uma melodia dos deuses...

Édipo - Dar-se-ão já por findos os meus trabalhos?

Creonte - A viagem ainda mal começou, meu Rei...

Édipo - ...assim fora e contaria eu já as folhas de louro na tua frente.

Creonte - Pudera essa ser já a tua sorte, Édipo!

Pausa.

Édipo - Estranho presságio é esta voz!

Creonte - O estranho familiar se torna se a ele as portas abrimos...

Pausa. Escutam.

A voz desaparece.

Édipo - Oh presságio de má fortuna!!!! Volta!!!

Creonte - Seguimos viagem, Édipo!

Édipo - Éter envenenado! O teu canto traz engano, não melodia de boa sorte!

Creonte - Este canto indicou-nos o Norte. Sigamos o seu conselho...

Édipo - Conselho sem direção...

Creonte - Saiamos daqui e zarpemos....

Édipo - Isto que ouvimos nada tem de soalheiro como as varandas do Bonfim.

Creonte - Édipo, a este ritmo, já a noite se aproxima....(fala por cima do sobrinho)se não deitarmos pés ao caminho este será o nosso acampamento...

Édipo - Antes me traz anseio e insiste em manter os meus olhos mais cerrados do que o meu coração se comove ao ouvi-lo.

Creonte - Acalma-te meu rei, o que há nestas notas mais do que pistas para revelar assim os teus anseios?

Édipo - Há mistério e temor!

Creonte - E tanto maior será o mistério quanto menos em nossa companhia o quisermos... ver não é olhar, ó Rei. É abrir a alma ao desconhecido.

Édipo - (**impaciente e irritado**) Falas por meias palavras, queres que eu acredite em vozes nos céus e achas normal que Apolo nos revele o caminho com mensagens indecifráveis que nem tu, ó rei dos enigmas!, consegues explicar melhor do que dizer-me que lhes abra as portas do coração...

Creonte - (**interrompendo. Assertivo**) Porque de portas abertas se trata, se a entrada aos deuses quiseres permitir!

Pausa.

Creonte - Parece-te isto complicado é?!

LX260

! Encontras enigma suficiente num cântico que voa nos céus, é?! Difícil de decifrar o é para ti?! Então dir-te-ei eu o que nem os meus olhos que ver podem conseguiram já compreender!!! Difícil de decifrar foi o que há dias me aconteceu, quando a porta do palácio abri e, ainda de olhos na maçaneta um ovo que pela porta entrou a voar e teve a ousadia de contra a parede se esborrachar, deixando a sua nhanha e visco pelos azulejos escorrer. Isto assim me aconteceu e este presságio aceitei eu, mesmo sem saber o que pretendiam os deuses de mim.

Édipo - Um ovo?!

Creonte - Nem mais...

Édipo - E quem o ousou?

Creonte - Interessa pouco quem...

Édipo - No palácio vizinhos não tens...

Creonte - Procura antes o quê é que...

Édipo - Uma cloaca não alcança tão longe...

Creonte - Pensa antes na conjugação de fatores que...

Édipo - Alguma cegonha com pressa, regressando a Paris...?!

Creonte - Pouco importa! Contou mais a vibração no meu peito ao testemunhá-lo do que o obstáculo de tentar compreendê-lo. O enigma pouco conta se o júbilo e a maravilha forem a recompensa.

Édipo - Vivamos então sem portas, em Tebas, é isso?!

Creonte - Não! Mantenhamo-las, precisamente para poder abri-las!

Édipo - Mas, tio, ovos há-os de toda a condição. Fora esse um ovo podre e queria ver se mantinhas o ânimo teu...

Creonte - Então maior alegria seria a minha!

Édipo - Mais as bactérias....maior o enxofre!

Creonte - E maior a recompensa ao ver que investira em bons azulejos, pois que teria as paredes preparadas para toda a sorte de ovos!

Édipo - Bela recompensa...ter de limpar ovos podres!

Creonte - Cuido melhor de minha casa, mantendo-a pronta pra bem receber do que fechando-a por não a querer sujar.

Pausa.

Creonte - Pensa nisto, Édipo. É mensagem maior uma porta que se abriu ao desconhecido do que um ovo que não pudesse transpô-la por fechada estar.

Édipo - Mas se a tudo a porta abrimos, entram bons e entram podres!

Creonte - E se a nada a porta abrimos, pouco faremos pela boa fortuna de **conhecer mundo!** Apodrecemos nós, de portas e janelas fechadas. **SX20 (trás)**

Pausa. Creonte olha para o céu.

Creonte- A lua já subiu. Acampamos por aqui esta noite e amanhã seguimos jornada..

Montam acampamento.

Édipo - Sim, tio, mas qual o interesse de abriremos a porta se for apenas para depois limpar ninhanha e não para falarmos com alguém.

Creonte - O quê, Édipo?

Édipo - Praquê manter a porta aberta se em vez de dialogarmos for só pra limpar ninhanha?!.

Pausa.

Creonte - O quê?!

Édipo - Dialogar...tio...

Creonte - Não é isso. A ninhanha!?

Édipo - Sim...a ninhanha...

Creonte volta a palco.

Creonte - Édipo, compõe-te! Olha pro tio! Diz nhanha.

Édipo - ninhanhanha...

Creonte - Nhanha.

Édipo - Manhanha.

Creonte - Nha!

Édipo - Nha.

Creonte - Nha nha.

Édipo - Nhanha.

Creonte - nhanha no azulejo.

Édipo - ninhanha no azulejo.

Creonte - A nhanha nhanhou o azulejo, que ficou nahnhado.

Édipo - A ninhanha nhanhou o azulejo que ficou ninhanhado.

Creonte - O Tio Creonte limpou a nhanha que nhanhou o azulejo.

Pausa.

Édipo - E saiu bem, tio?

Creonte - Saiu...mais ou menos. O azulejo também não é...eu na altura pedi uma referência que não havia...depois os gajos enganaram-se na entrega....depois a cor também não era bem aquela...

Édipo - Ahhh...sim!!! Lembro-me agora da minha mãe me falar das grandes obras do palácio quando eu era pequeno...

Creonte - Sim...foi uma confusão...no final o orçamento derrapou tanto que acabamos por pôr tijolo burro nas paredes...Com acabamento de meio brilho.

Édipo - Sim....também é impermeável.

Creonte - Não, não...aquilo resulta!! Limpa-se que é uma maravilha e não mancha! Aliás, ainda sobrou verniz, portanto, se precisares de algo...

Édipo - Obrigado, tio.

Creonte - De nada, pá....tio é tio.

Pausa.

Édipo - De que côr são os tijolos?

Creonte - Os tijolos....são cor de burro.

Pausa.

Édipo - E os burros tio?

Creonte -Dorme, Édipo...

Édipo está deitado a dormir. Creonte está a olhar para ele. Vem à frente e fala com o público.

Creonte - Segunda noite ao relento. O frio da noite cai na Beócia, como facas que se espetam nos olhos, cegando-nos com o gelo do.....Merda.

Olha para Édipo, deitado no chão, a dormir. Tenta de novo.

Creonte - Segunda noite ao relento. A lua, lá no alto, já matou o pai dos astros como o amante, que agora no breu se deita com os filhos órfãos da esfera solar...Raisparta.

De novo olha para Édipo, deitado a dormir. Recompõe-se. Tenta de Novo.

Creonte - Segunda noite ao relento. Mais de 100 mil passos contamos já desde que saímos da Beócia, rumo ao Bonfim, a Terra dos Flúvios. Deixamos a terra-mãe para que noutra mãe nos venhamos deitar em fecundos delírios pelos trabalhos concluídos...Foda-se!!!

Pára-se de novo. Está irritadíssimo. Fita Édipo, que dorme.

Creonte - És peso e obstáculo e vergonha e má sorte.Qualquer metáfora que faça, esta noite, cola-se à natureza do teu desígnio como uma sanguessuga, que me injecta o veneno do teu ego, feito de realeza podre pelo pecado e pelo adultério.

Num lar choram a tua perda, no outro mataste quem te chorar pudesse e agora os olhares evitas, evitando o teu próprio olhar, ignorando que nos ouvidos se formam mais imagens do que aquelas que dos teus olhos privaste?!

As pessoas falam, Édipo. Mal estiveste ao achar que com a ignomínia de te cegares, irias a tempo de evitar o que de ti já pelas ruas se disse!

És um peso e um obstáculo e és má sorte que não me deixa andar por nem as palavras me deixares agora escolher.

Néscio, que tudo querendo saber, nada a tempo descobriste, pois que na rua já o teu destino saciava as alarves bocas dos vizinhos em orgias fétidas de orelha em orelha.

Os vizinhos, como a serpente que aguarda a presa incauta, já de **sentinela** se punham às portas do palácio, ainda tu não sabias sequer que com tua mãe te deitavas.

Os vizinhos, como cães de caça, sedentos de sangue, cheiravam já com as suas línguas viperinas os odores a **incesto** que do teu quarto à noite exalavas enquanto penetravas as coxas da tua mãe, Jocasta, minha irmã.

E os mesmos vizinhos que abriam caminho ao Rei, no mercado, bajulando e exaltando o glorioso Édipo, escarneciam à noite de ti, nas tabernas de Tebas, cantando pelo rei deles, **Laio, teu pai, morto pelo filho** numa encruzilhada.

Os vizinhos que encontravas na rua e te diziam bom dia, dizendo por dentro má noite.

O que direi eu aos vizinhos, quando a Tebas voltar, para reinar?

Ter-me-ão na mão, os vizinhos, **se não te matar aqui**.

Não terei o perdão dos vizinhos se a Tebas voltar apenas pra dizer **que te salvei**.

Mandam nas ruas, os vizinhos. Esses andrajos que penetram nas casas e **transpiram os segredos de portas incautas**, urdindo planos de mesquinho maldizer em feitiços de carnes fétidas espalhadas pela cidade, como um cancro.

São feios, maus, podres e desconfiados, os vizinhos. Desejam a vida mas celebram a morte. Abrem as portas mas cultivam segredos.

Pausa.

Mas é deles que dependo.

Deles depende a minha coroa.

E se deles a minha vida dependesse, não bastavam os teus olhos para calar as ruas de Tebas.

Os vizinhos são as ruas, Édipo. As ruas são a cidade. A cidade pede a morte. E a tua morte dá-lhes um rei. Os vizinhos são as ruas, Édipo.

Édipo começa a fazer barulhos, como se estivesse agitado a balbuciar algo. Creonte agita-se e saca de uma pistola ou faca. Creonte assusta-se.

Creonte - Oh! besta dos homens, que mataste quem te gerou e agora serás morto por quem te carrega...

Édipo continua a entoar o Cante das Águas. Creonte agita-se mais.

Creonte - Cala-te! Cala-te!! Não me enredes em mais lamentos do que os que nos trouxeram a estas costas.

Édipo continua a cantar o Cante das Águas.

Creonte - Cala-te, cão sem olhos. Dorme para que eu te adormeça!

Édipo acorda, de repente. Acordou de um sonho e está ofegante, com uma epifania!

Édipo - Já sei! Já sei!! É este o meu trabalho!!! Eu tenho de libertar o tio!!

Creonte - (de arma apontada para o Édipo) Sim, Édipo. Infelizmente eu cheguei à mesma conclusão enquanto dormias...

Édipo- Não é a cegueira que me tolda o futuro, mas sim a visão que dela faço...

Creonte- Mas governar não consegues se dessa cegueira te não libertares.

Édipo- Aqui chegados, importa-me menos a coroa do que o caminho. Eu tenho de libertar o tio.

Pausa. Crente está meio incrédulo. Mas sempre de arma apontada. Emociona-se.

Creonte- Sim, Édipo. Cheguei à mesma conclusão enquanto dormias. Mas antes de o fazermos, quero que saibas que sempre quis o melhor para ti...

Édipo- Eu sei, tio. Mas agora é tudo claro para mim. Nestas condições eu sou um peso morto para o tio!

Creonte- Sim...pesado és. Morto ainda não estás!

Édipo- Separamo-nos aqui, meu tio.

Creonte- Sim, Édipo. Tebas precisa de um rei que governe de olhos postos nos seus súbditos.

Édipo- É por isso que o Tio volta para trás, a partir daqui. Sem mim.

Creonte- Lamento muito, sobrinho meu. Nunca quis que as coisas tivessem de acabar assim.

Édipo- E eu sigo viagem.

Pausa.

Creonte- O que dizes?!

Édipo- Tio, em sonhos vi claramente que os meus trabalhos são encontrar os Flúvios e conseguir viver no Bonfim sendo quem sou.

Creonte- Ah...

Édipo- É maior o caminho a descobrir sozinho, do que a cegueira temer acompanhado.

Creonte- Bela frase. Ainda não tinha pensado nessa por acaso...

Édipo- Eu tenho de seguir viagem sozinho, tio.

Creonte- Ok...

Pausa.

Creonte- Eh pá...e vais assim sozinho?!

Édipo- Sim.

Creonte- E não precisas que o tio vá ctgo?

Édipo- Não, tio.

Creonte- De certeza, olha que aquilo é só dragões e gente que come tripas e diz palavrões como se fossem virgulas!

Édipo- Não, meu rei!

Creonte- É que não vês nada à frente e...

Édipo- Tio, costumávamos sempre brincar, na rua, a fugir dos carros... Eu, tu, o Zé, os gémeos, as filhas do Cardoso, a Petra, o Rafael e a Orquídea. Quando chegava o Verão, o Sr. Oliveira levava-nos a todos na Morris dele, até à praia. Iamos todos a cantar, de vidros abertos, com o rádio nas alturas...Aquilo era um caos!! Discutíamos, berrávamos, ríamos, cantávamos, iamos todos apertados e cheios de calor, naquela carrinha, velha e gasta. Mas quando chegávamos à praia, parece que a viagem tinha sido mais divertida do que a praia, em si! E tinha mesmo! Lembro-me de pensar "Fogo....como é possível que me divirta tanto durante o caminho e me aborreça tanto quando chego ao meu destino?! Como é possível que estes gajos sejam tão irritantes e impossíveis de aturar e eu me divirta mais na carrinha do que na areia?!"

Pausa.

Édipo- Mas se calhar é isso mesmo, tio! Se calhar a viagem é mais importante do que o destino. Sermos diferentes uns dos outros e conseguir encontrar o nosso lugar na carrinha é mais divertido do que chegar a uma praia onde a distância nos separa e cada um tem a sua toalhinha.

E se calhar esses são os meus trabalhos, tio! Encontrar o meu espaço e viver entre os Flúvios como sou. Porque eu tenho a certeza de que eles me aceitam assim mesmo...cego e sem coroa! E essa é a maior riqueza do povo das Águas: aceitar-me por quem sou, mesmo que diferente ou estrangeiro! E deixar-me encontrar o meu espaço no meio deles, entre dragões e os homens que comem tripas.

Pausa.

Creonte - Adeus, Édipo.

Édipo - Adeus, tio...cunhado...tio...

Creonte - Tio.

Édipo- Tio?!

Creonte - Tio. Tio.

Pausa. Abraçam-se.

Creonte- Foda-se. Caralho. Filho da Puta. Puta que pariu. Cona da tua mãe.

Édipo - Tio?!

Creonte - Desculpa...é só porque...lembra-te que no Bonfim os palavrões dizem-se como se fossem virgulas. Queria só ter a certeza de que sabes falar com as gentes do Porto.

Édipo- Não se preocupe, tio. Eu também tenho palavrões para lhes ensinar...

Creonte estranha.

Édipo- Ninhanha.

Creonte- Nhanha.

Édipo- Ninhanha!!

SX 21 (frente alto) + LX270

Entra o Cante das Águas.

Édipo sai. Creonte fica a vê-lo partir.

FIM